

VANTAGENS E FRAGILIDADES DO PRÉ-NATAL DE ADOLESCENTES EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE: DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

Givanildo F. do Nascimento^{1*}, Isabelle C. F. Diógenes², Laíse C. da Costa Felisberto¹, Leandro da C. Martins¹, Fernando C. P. de Almeida Dantas², Patricia E. Giovannini³

1. Estudante da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

2. Professores da UERN (Mestra/Especialista)

3. Professora da UERN /Orientadora (Mestra)

Resumo

Estudo exploratório, de corte transversal, objetivando investigar aspectos positivos e dificuldades vivenciados por adolescentes grávidas no pré-natal; realizado mediante aplicação de questionário sociodemográfico e entrevista; no Ambulatório de Gravidez na Adolescência da Faculdade de Ciências da Saúde/FACS da Universidade do Rio Grande do Norte/UERN. Os dados foram analisados com o auxílio do *software* livre R e as informações qualitativas, através de técnicas de análise de conteúdo de Minayo.

Participaram 54 adolescentes, no período de fevereiro a maio de 2019. Do total, 90,7% tinham entre 15 e 19 anos, e 9,3% eram menores de 14. Das 54 participantes, 88,3% iniciou o pré-natal atempadamente, e 100% frequentou oito ou mais consultas.

Aspectos da qualidade do serviço foram o principal elemento positivo, e aspectos socioeconômicos, a principal dificuldade, que pode agir como potencial barreira de acesso ao pré-natal de adolescentes em contextos de vulnerabilidade.

Autorização legal: Comitê de Ética em Pesquisa/UERN. Parecer: 2.113.391/2017.

Palavras-chave: Equidade no Acesso; Serviços Ambulatoriais de Saúde; Qualificação Profissional em Saúde.

Introdução

A gravidez em adolescentes é questão de especial interesse considerando a implementação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável¹ (ODS). Em países em desenvolvimento, em 2017, os índices de gravidez variaram entre 151 e 62 a cada mil adolescentes na faixa etária de 15 a 19, na Angola e no Brasil, respectivamente, enquanto em países desenvolvidos, a estimativa foi de, aproximadamente, 5 a cada grupo de mil adolescentes nessa mesma faixa etária².

Evidências apontam consequências potenciais para a mãe e o filho que envolvem praticamente todas as dimensões humanas³, além de implicações na reprodução do ciclo de pobreza. Frente a esse panorama, a Organização Mundial de Saúde⁴ (OMS) recomenda estimular o aumento da utilização do pré-natal e dos cuidados no parto e pós-parto, e a realização de pesquisas sobre as barreiras de acesso ao pré-natal de adolescentes.

No Brasil, o Ministério da Saúde⁵ (MS) estabeleceu fluxograma de pré-natal, além de orientar para a implementação do atendimento diferenciado, qualificado e humanizado às adolescentes grávidas e aos seus parceiros e familiares. No entanto, resultados de um estudo com base em dados de um inquérito nacional de base hospitalar, sinalizam fragilidades na adequação do pré-natal em adolescentes socioeconomicamente desfavorecidos⁶.

Considerando essas premissas, o objetivo do presente estudo foi investigar os aspectos positivos e as dificuldades ao longo do fluxo de pré-natal, na perspectiva de adolescentes usuárias do SUS.

Metodologia

Estudo exploratório, de corte transversal, realizado mediante aplicação de questionário sociodemográfico e entrevista face a face semi-aberta com gravação de áudio, orientada por roteiro de entrevista. Os aspectos éticos foram avaliados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UERN - Parecer nº 2.113.391/2017; CAAE – 68865517.9.0000.5294, e a pesquisa foi desenvolvida em conformidade com a Declaração de Helsinque.

O cenário da pesquisa foi o Ambulatório de Gravidez na Adolescência da FACS/UERN, conveniado ao SUS, que abriga campos de prática do Curso de Medicina da UERN e da Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia (RMGO) da UERN/Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM). O critério de inclusão foi ser adolescente cadastrada no Ambulatório. Os critérios de exclusão foram recusa a participar no estudo, ausência em três momentos consecutivos previamente combinados, e encaminhamento à maternidade em data próxima a entrevista. Os dados foram analisados com o auxílio do *software* livre R⁷. Os áudios foram transcritos e as informações qualitativas, analisadas por meio de técnicas de análise de conteúdo descritas por Minayo⁸.

No período de fevereiro a abril de 2019 foram entrevistadas 54 adolescentes, e seis foram excluídas por encaminhamento à maternidade.

Resultados e Discussão

As características das 54 participantes no estudo (Tabela 1) revelaram um contexto de vulnerabilidade. Na contramão dos ODS, adolescentes com características de vulnerabilidade como as encontradas, podem

perceber a gravidez como alternativa de realização, mesmo quando ela não for planejada ou desejada¹.

Tabela 1. Características sociodemográficas e da gravidez e pré-natal das participantes. Mossoró, RN, 2019.

Dados sociodemográficos	Gravidez e Pré-natal
90,7% tinham entre 15 e 19 anos	79,6% eram primigestas
9,3% eram menores de 14 anos	A gravidez de repetição ocorreu para 20,4% das gestantes na faixa etária entre 15 e 19
92,6% estavam fora da escola e do mercado de trabalho	3,7% das adolescentes entre 15 e 19 anos tiveram pelo menos um aborto, anteriormente
55,5% tinham ensino fundamental incompleto	83,3% do total iniciou o pré-natal no primeiro trimestre gestacional
98,1% viviam em áreas de violência	100% das adolescentes frequentaram o número de consultas recomendado (8) ou mais
50% viviam em zonas rurais ou periferias	
31,48% tinham acesso a esgotamento sanitário adequado	
55,5% eram beneficiárias do Programa Bolsa Família	
70,4% eram casadas ou viviam em união estável	

Por sua vez, Taylor et al.⁹ ressaltam que as supostas vantagens do casamento na adolescência não compensam suas possíveis consequências, tais como problemas educacionais, limitações à mobilidade e rede social das adolescentes, exposição a violência por parceiro íntimo, e a própria gravidez.

A participação do subgrupo das menores de 14 anos, aparentemente baixa, foi quase o dobro do percentual apontado pelo MS¹⁰ para grávidas na faixa etária entre 10 e 14 residentes na região Nordeste, no período entre 2011 e 2016, alertando para a necessidade de ações articulando os setores de Saúde, Justiça, Segurança, Educação e Assistência Social, para a prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes, o reconhecimento, cuidado e apoio às vítimas, e evitar a impunidade dos agressores.

Estudo nacional aponta um índice de adequação do pré-natal de 15,6% em adolescentes⁶. Uma possível explicação para os altos índices de adequação observados neste estudo (Tabela 1) é a potencial influência de características do cenário da pesquisa sobre os mesmos, por tratar-se de um ambulatório de gravidez na adolescência e por abrigar campos de formação e qualificação profissional, o que parece ser reforçado pelos resultados da análise dos aspectos positivos do pré-natal, relatados pelas adolescentes (Tabela 2). Nesta perspectiva, é importante que profissionais e equipes de saúde intensifiquem esforços no sentido de incorporar as diretrizes vigentes⁵.

Quanto às dificuldades vivenciadas pelas adolescentes na realização do pré-natal, os resultados da presente pesquisa (Tabela 2) corroboram evidências que apontam que a desigualdade socioeconômica pode agir como uma barreira de acesso⁶, realçando a necessidade de desenvolver estratégias que assegurem a equidade no acesso ao pré-natal de adolescentes e possibilitem a redução das vulnerabilidades.

Tabela 2. Aspectos positivos e dificuldades vivenciados no pré-natal pelas adolescentes. Mossoró, RN, 2019.

Categorias analíticas	Categorias desveladas	Exemplificação
Aspectos positivos	Qualidade do serviço, acolhimento, vínculo (88,9%)	"A primeira vez que eu vim me senti muito acolhida, isso me estimula a voltar" (A-46)
	O pré-natal como espaço de bem-estar e cuidado (85,2%)	"A mãe se cuidando durante a gestação, a criança vai nascer saudável, forte" (A-21)
	O pré-natal como espaço de educação em saúde (50%)	"...ficar mais orientada a cada dia. Cada mês que eu venho eu fico sabendo de coisas novas que eu não sabia." (A-17)
Dificuldades	Problemas financeiros (100%)	"Não tenho ajuda de ninguém. Já vai fazer cinco meses e não tem um "bubu" (A-45)
	Aspectos relacionados ao transporte público (92,6%)	"Um problema "pra mim" fazer este pré-natal é o transporte" (A-40)
	Acesso ao teste de ultrassom (77,7%)	"Se fosse disponibilizado todos os exames sem precisar fazer particular [...] ajudariam muito" (A-46)
	Acesso ao teste de tolerância a glicose (TOTG) (38,8%)	

As limitações da pesquisa incluíram a realização do estudo em um cenário com as particularidades anteriormente colocadas e, portanto, diferenciado, número de participantes relativamente reduzido e o delineamento transversal, restringindo o acompanhamento das adolescentes ao longo de todo o processo de pré-natal. No entanto, antes do que estabelecer generalizações, a intenção foi mostrar as vantagens e desafios do pré-natal de adolescentes, na perspectiva das próprias gestantes, dando ênfase no protagonismo e valorizando a participação das adolescentes, na busca de respostas aos questionamentos colocados,

considerando-se que as respostas obtidas oferecem subsídios para melhorias no processo de atenção ao pré-natal de adolescentes usuárias do SUS.

Conclusões

Adolescentes grávidas socioeconomicamente desfavorecidas, com baixa escolaridade, dedicadas principalmente às tarefas domésticas, vivendo em áreas de potencial risco ambiental, vivenciam um presente de vulnerabilidades com futuro, no mínimo, incerto.

O panorama descortinado e a gravidez em menores de 14 anos, exigem esforços redobrados na qualificação de profissionais, equipes de saúde e da Rede de Atenção, como um todo, para maior alinhamento com as diretrizes vigentes, bem como reforçar as articulações intersetoriais.

O atendimento diferenciado, qualificado e humanizado, a presença de equipe e serviço qualificados, os dispositivos de acolhimento e vínculo fortalecidos, a disponibilidade de atividades educativas, favorecem a adesão ao pré-natal em adolescentes e contribuem para sua adequação, destacando-se a importância dos programas de formação de especialistas em regiões e áreas prioritárias para o SUS.

No sentido oposto, a pobreza e as dificuldades no acesso a saúde e serviços, reflexos da desigualdade socioeconômica, podem agir como potenciais barreiras de acesso ao pré-natal de adolescentes em contextos de vulnerabilidade, uma configuração que é preciso mudar, diante da perspectiva de implementação dos ODS até 2030.

Referências bibliográficas

1. Santos BR (Coord.). Gravidez na adolescência no Brasil: vozes de meninas e de especialistas. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2017. 112 p.
2. World Bank. Adolescent fertility rate (birth per 1.000 women age 15-19). [Internet]. 2019. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.ADO.TFRT>
3. Azevedo WF, Diniz MB, Fonseca ESVB, Azevedo LMR, Evangelista CB. Complications in adolescent pregnancy: systematic review of the literature. Einstein (São Paulo). [Internet]. 2015; 13(4): 618-626. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082015000400618
4. World Health Organization. 2011, p.18. WHO guidelines on preventing early pregnancy and poor reproductive outcomes among adolescents in developing countries. [Internet]. WHO, Geneva, 2011. Disponível em: https://www.who.int/immunization/hpv/target/preventing_early_pregnancy_and_poor_reproductive_outcomes_who_2006.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos da Atenção Básica; nº 32. [Internet]. Ministério da Saúde, Brasília, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_32_prenatal.pdf
6. Almeida AHV, Gama SGN, Costa MCO, Viellas EF, Martinelli KG, Leal MC. Desigualdades econômicas e raciais na assistência pré-natal de grávidas adolescentes. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. [Internet]. 2019; 19(1): 43-52. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292019000100043&script=sci_arttext&tlng=pt
7. Core Team. R: a language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. [Internet]. 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org/>
8. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2012. 416 p.
9. Taylor A, Lauro G, Segundo M, Greene M. “Ela vai no meu barco”: casamento na infância e na adolescência no Brasil. Resultados de pesquisa de método misto. [Internet]. Instituto Promundo & Promundo-US, Rio de Janeiro e Washington, 2015. Disponível em: https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2015/07/SheGoesWithMeInMyBoat_ChildAdolescentMarriageBrazil_PT_web.pdf
10. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde no Brasil. Estupro e gravidez de adolescentes no Brasil: características e implicações na saúde gestacional, no parto e no nascimento. IN: Saúde Brasil 2017: uma análise da situação de saúde e os desafios para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. [Internet]. Ministério da Saúde, Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2017_analise_situacao_saude_desafios_objetivos_desenvolvimento_sustentavel.pdf